

COVID-19 ANÁLISE

Balanço Surpresas, previsões, recuos, avanços, polémicas. Olhamos para trás, desde o momento em que a covid-19 passou a ser um assunto muito sério em Portugal. Faz dois meses, mas podiam ter sido dois anos

Cronologia de uma maratona inesperada

02.05.2020 às 8h17



TEXTO MICAEL PEREIRA FOTO RUI DUARTE SILVA

Há um lado emocional aqui. Talvez esse seja até o maior dos lados na história dramática de como a síndrome respiratória aguda grave SARS-CoV-2, a que nos habituámos a chamar de covid-19, entrou tão de repente na vida dos portugueses. Um lado que ajuda a explicar por que é difícil sentir que passaram apenas dois meses sobre esse momento, quando a diretora-geral da Saúde admitiu como cenário, numa entrevista que fez a manchete do Expresso a 29 de fevereiro, que um milhão de portugueses poderiam vir a ficar infetados com o novo coronavírus. “Prevemos 21 mil casos na semana mais crítica”, dizia então Graça Freitas. Parecia o anúncio de um dilúvio. Nessa altura havia menos de 900 contagiados e apenas 21 mortos em Itália, a porta de entrada do vírus na Europa. Os hospitais da Lombardia não tinham ainda entrado em colapso e as dúvidas sobre o alcance da tragédia eram muitas. Mas logo dois dias depois surgia o primeiro infetado em Portugal. E o assunto nunca mais deixaria de ser manchete no Expresso.

Um dos exemplos mais emblemáticos sobre como tanta gente foi apanhada desprevenida por esta nova realidade está na forma como Jorge Buescu, um matemático da Faculdade de Ciências de Lisboa, mudou radicalmente de opinião. Primeiro, mostrou-se incrédulo, apontando o dedo à histeria que parecia começar a levantar-se à volta deste vírus num texto publicado nas redes sociais a 1 de março. Depressa daria uma volta de 180 graus. Duas semanas mais tarde era ele que se queixava ao Expresso: “Fiquei revoltado quando, na quarta-feira à noite, ouvi a diretora-geral da Saúde dizer, em conferência de imprensa, que o crescimento da doença não era exponencial. Só pode estar em negação.” Buescu referia-se à data crítica — 11 de março — em que a Organização Mundial da Saúde declarou haver uma pandemia e quando, já tarde nesse dia, Graça Freitas concordou com um parecer do Conselho Nacional de Saúde Pública que ia contra o encerramento imediato de todas as escolas no país.



Contrariando esse parecer, uma decisão em sentido oposto seria anunciada no dia seguinte pelo primeiro-ministro, António Costa. Desde 16 de março que todos os jovens e crianças, das creches às universidades, têm permanecido em casa. E com eles, muitos dos seus pais. No prognóstico que fez para o Expresso na altura, recorrendo a um modelo matemático, Buescu vaticinou: sem nenhuma medida tomada pelo Governo, haveria 61 mil infetados até ao final desse mês. Pelo contrário, se houvesse uma suspensão imediata de todas as atividades, o número de infetados seria próximo dos 4200.

O primeiro infetado em Portugal foi confirmado a 2 de março. A primeira morte ocorreu a 17 de março. E 11 dias depois, a 28, era atingida a barreira psicológica dos 100 óbitos

Olhando para o que aconteceu, vemos que a 31 de março o número acumulado de casos foi de 7443, aproximando-se mais da fasquia de baixo. Com medo do que podia acontecer, Marcelo Rebelo de Sousa optou por uma solução extrema, não usada desde 1975. O estado de emergência foi declarado pelo Presidente da República a 19 de março, com o confinamento obrigatório da população e o encerramento de todas as atividades não essenciais. E com efeitos colaterais: de um dia para o outro, o consumo de internet aumentou 70%. A ansiedade era tanta que chegou a haver 70 mil pessoas à espera para entrar num hipermercado online.

A primeira morte tinha ocorrido a 17 de março e 11 dias depois, a 28, era atingida a barreira psicológica dos 100 óbitos. Numa análise comparativa, o mês terminava com uma evolução de mortes pior do que em Itália na mesma fase da epidemia. Entretanto, em Espanha os hospitais estavam já à beira do colapso, com mais vítimas do que na China. E nos Estados Unidos o governador de Nova Iorque, a cidade mais afetada, desesperava por ajuda nas suas conferências diárias. “Hoje, os enfermeiros são como os bombeiros durante o 11 de Setembro”, dizia ao Expresso, a 28 de março, Eileen Sullivan-Marx, professora de enfermagem na Universidade de Nova Iorque. “Morrerão a salvar os outros.”

VENTILADORES E LARES

Março foi um mês sem uma ponta de otimismo. Os turistas abandonaram o país. Quase todas as ligações aéreas foram suspensas, representando milhares de voos só na TAP. Em Ovar, um foco preocupante de casos obrigou à declaração de calamidade pública e a que fosse montada uma cerca sanitária à volta do concelho. Mas pelo menos a prioridade tinha-se tornado clara: era preciso ganhar tempo para ter condições de tratar uma vaga crescente de doentes críticos, com graves deficiências respiratórias.

Foi traçado um objetivo: reforçar a quantidade de camas nos hospitais, especialmente nos cuidados intensivos, e garantir um total de três mil ventiladores, o dobro do que havia. O desafio era que a maior parte teria de vir da China, onde se acumulavam solicitações vindas de todo o lado. “Deito-me com ventiladores comprados e acordo com esses ventiladores suspensos porque entrou uma encomenda maior”, chegou a desabafar ao Expresso João Gouveia, responsável por essas aquisições no Serviço Nacional de Saúde (SNS). A isso somavam-se outras necessidades urgentes: milhões de máscaras para proteger médicos e enfermeiros e também milhões de zaragatoas para testar potenciais doentes.

Quando um número recorde de 1516 novos casos diários foi atingido, a 10 de abril, a taxa de crescimento da infeção já estava a diminuir e a curva já tinha começado a achatar vários dias antes em Portugal — mantendo uma tendência decrescente até hoje.

Desde então que o otimismo, embora tímido, vem em crescendo. Entre compras, cedências e doações, os três mil ventiladores passaram a estar assegurados. E os hospitais ficaram preparados para dias piores. O São João, no Porto, aumentou de 38 para 98 as camas nos cuidados intensivos, 63 delas só para doentes covid. Em Lisboa, o Santa Maria passou de 80 para 120 camas, com a equipa reforçada com uma reserva de mais 45 médicos.

Até 23 de abril, 327 idosos residentes em lares morreram de covid, representando um terço de todos os óbitos. A maioria deles acabou por falecer no hospital

Foi nos lares de terceira idade, precisamente onde está a população mais vulnerável à covid-19, que os problemas surgiram. Até 23 de abril, um terço de todos os óbitos por covid tinham sido de idosos residentes em lares. Ou seja, 327 vítimas tinham sido infetadas com o vírus aí, sendo que a maioria acabaria por morrer no hospital. Mas nem todos. Segundo a diretora-geral da Saúde, até esta quinta-feira, 4% de todos os óbitos por covid aconteceram nos próprios lares. O que significa 39 mortes.

Os testes à covid no universo de mais de 2500 unidades para idosos que existem no país começaram a ser realizados apenas a 30 de março, com um lote inicial de 10 mil testes. Com mais de 800 funcionários infetados e obrigados a ficarem em casa, o Governo tentou compensar esse flanco deixado aberto com o lançamento de uma campanha para angariação de voluntários — e em dois dias conseguiu que três mil pessoas se oferecessem.

No meio disso, outras coisas foram acontecendo. Depois de uma semana intensiva de filmagens envolvendo 112 professores, a 20 de abril voltou a haver telescola em Portugal, com transmissões diárias na RTP2 e na RTP Memória, a tempo do terceiro período de aulas.

Nem tudo, no entanto, tem sido feito a tempo e horas. O Governo não conseguiu começar a pagar o aumento de 0,3% aprovado para a função pública aos profissionais de saúde. Pior ainda é a situação enfrentada pelos que foram obrigados a parar de trabalhar. Mais de 62 mil empresas entregaram pedidos para aderir ao regime de lay-off oferecido pelo Governo — com o Estado a subsidiar os salários para os patrões não despedirem os trabalhadores — , mas só 38 mil foram aceites até agora. É apenas mais um dos muitos problemas que estão pela frente. Esta maratona, que já vai longa mas ainda agora começou, parece-se cada vez mais como uma sequência de corridas de 100 metros.

DA DÚVIDA...

“A convicção de que vai chegar existe, se se vai propagar ainda não temos a certeza”

Graça Freitas

Diretora-geral da Saúde, ao Expresso, 29 de fevereiro

“É preciso acabar de vez com o vírus da corona-histeria”

Jorge Buescu

Matemático na Faculdade de Ciências de Lisboa, num texto publicado no Facebook, 1 de março

“Se ultrapassarmos isto antes da Páscoa e, chegando ao verão, a situação já estiver controlada, provavelmente a retoma do turismo irá ser muito forte”

Pedro Siza Vieira

Ministro da Economia, ao Expresso, 7 de março

“Não vai ser uma gripezinha que me vai derrubar”

Jair Bolsonaro

Presidente do Brasil, 20 de março

...À CERTEZA?

“É muito provável que este possa ser um surto mais duradouro do que se possa ter estimado inicialmente”

António Costa

Primeiro-ministro, 12 de março

“Precisamos de um milagre”

Jorge Buescu

Matemático, ao Expresso, 14 de março

“Temos de aceitar que vai haver um número muito maior de mortes porque senão a economia não vai recuperar. É a posição de alguns, incluindo alguns líderes empresariais. É uma posição revoltante. Já ouvi a própria palavra ‘senicídio’, ou seja, como são velhos podem morrer”

Durão Barroso

Chairman do Goldman Sachs, ao Expresso, 28 de março

“Estamos no princípio dos princípios da epidemia”

Pedro Simas

Virologista, ao Expresso, 25 de abril